

O Encontro: Uma Jornada Descolonial | João Victor de Souza Silva

Akin¹, homem valente, guerreiro e herói, filho de Ogum². É homem negro, charmoso e habilidoso com as armas de ferro. Ao alvorecer da aurora, estando ele ainda dormindo, Aziza³, sua irmã, entra em sua tenda e em alto som grita:

— Akin, irmão meu, levante-se, pois algo novo acontece agora.

Diante dos berros inflamados da preciosa, respondeu-lhe:

— Amada minha, já preparou nosso desjejum? Não quero me alimentar agora, deixe-me festejar, pois ao dormir, com os orixás estou a dançar.

Dito isso, Akin caiu no sono novamente. Mas sendo grande a preocupação da sua irmã pelo o que acontecia na costa do continente, com grande intrepidez ela esbravejou:

— Levante-se agora! Por Ogum! Erga-se para ver, há animais gordos e brancos que se aproximam de nós. Nunca os vi, nem os quero conhecer. São imundos, ouvi dizer que seu odor é espantoso, até os abutres fazem correr... – Com voz de trombeta, dissera assim Aziza.

Diante da notícia, não houve sono ou sonho que perdurasse, por mais belo e suntuoso que fosse. Ao ouvir o que sua irmã falou, rapidamente acordou. Sem entender o que se passava, logo saiu para perguntar ao Babalaô⁴ o que estava acontecendo. Chegando a tenda do velho, sem delicadeza perguntou-lhe:

— Babalaô, o que é que nos espera? Quem são os tais que agora estão na boca do povo?

O velho, ancião de vastas gerações. Sábio e matuto, amigo dos mortos de outras gerações, sem delongas, respondeu-lhe:

— Akin, filho de Ogum. Sou velho e já fui moço, mas coisa alguma outrora vi. Mas uma coisa me é certa, meu coração palpita de dor. Sangue e dor contemplo, de longe, embora perto. Nossa religião aqui lhe entrego, lute por ela e não desfaleça.

¹ Homem valente, guerreiro e herói, na língua Iorubá.

² Orixá da guerra, das lutas. É guerreiro e conhecedor da metalurgia.

³ Preciosa, na língua Suaíli.

⁴ Este era o nome que recebia aquele que nós entendemos como sacerdote.

Ao expressar tais palavras, o velho suspirou. Nesse tempo, os desengonçados e “misteriosos” brancos se aproximavam do povo. Então, Yooku⁵, o nascido na quarta-feira, aproximou-se de Akin. De olho no horizonte, começou a discursar:

— Será que são novas llombas⁶? Feitas com sangue, unhas e ervas mágicas. Mas, agora, com um pouco de pernas de sapo que as fazem andar como a gente? Consumidora de almas e devoradora do seu próprio criador. Ou são Indombes⁷, feitas de cobre e que vêm para incendiar-nos? Não, acho que não. Eles devem ser Intulos⁸, mensageiros da morte, vindo nos chamar para nossa alma entregar. – Ao fazer suas provocantes indagações, Yooku suplicou, dizendo:

— Oh, Ajalá⁹, ajuda-nos. Oh, Orunmilá¹⁰, apiede-se dos seus filhos, dá-nos a entender esses mistérios que de nós se aproximam.

Ao findar o seu clamor, os brancos de roupas pomposas chegaram. O povo se aproximou e seus ouvidos estenderam para tudo ouvirem. Assim sendo, o líder da companhia falou:

— Em nome do divino, e ao lado do império, declaramos a todos que a magia, junto com os feiticeiros, devem ser extintos, destruídos e abandonados, pois são ilusões demoníacas e expressões do mal, aos olhos de nosso divino. Sua religião, povo negro, não nos interessa. Somente o divino do império é verdadeiro e único. Aceitem-no, ou morram! Esta é a mensagem que queremos vos anunciar.

Akin, ao ouvir, do velho lembrou... Sangue, isso o velho falou. Enquanto a comunidade desolada e eufórica ficou, Akin, uma atitude tomou. Em direção aos visitantes, sua palavra expressou:

— Homens brancos, não nos conhecemos. E não sabemos nada sobre seu divino, muito menos do que é demônio, pois em nossa terra isso passa longe. Nossa magia não é má, nossa feitiçaria não é maligna. Mas como vejo que não entendem nossa religião,

⁵ Nascido na quarta-feira, na língua Fante.

⁶ Era uma serpente marítima criada por um feiticeiro, feita de unhas, sangue e ervas mágicas, sendo tudo misturado em uma panela. Seu propósito é devorar a alma de quem o seu criador desejar.

⁷ Cobra feita de cobre. Ela é capaz de incendiar vilas e por sua capacidade de viver por muitos anos, faz com que ela possua muito conhecimento.

⁸ É um ser meio homem e jacaré, ou meio homem e lagarto. Alguns acreditam que ele é o mensageiro da morte que está a chamar todos quantos breve morreram.

⁹ Um importante orixá da criação.

¹⁰ Orixá da adivinhação.

convindo-lhes a um desafio. Um altar ergueremos e carne fresca sobre ele colocaremos. O verdadeiro deus, certamente ouvirá o pedido de seus súditos, portanto, peçamos que ele derrame fogo e consuma o que sobre o altar estiver. O vencedor, revelará a religião verdadeira e tomará posse da alma dos perdedores.

Embora assustados com a ousadia do mulato, os propagadores da seita do divino, confiantes de que ganhariam e entusiasmados com a oportunidade de tomarem para si os outros, acabaram por aceitar. Disso, seguiu-se os preparos do desafio feito por Akin. Os visitantes, que outrora reivindicavam autoridade sobre o povo daquela região, foram os primeiros. Ao prepararem o ambiente e erguendo o altar, colocaram sobre ele um novilho morto e então começaram:

— Oh, divino nosso, atenda-nos, suplicamos. Com autoridade e grande força devore o que sobre o altar lhe ofertamos.

Nada aconteceu. Então todos da companhia do império começaram a suplicar:

— Divino, tu estás em um alto monte. Mande sobre este lugar do teu fogo e destrua tudo quanto há.

Akin, ao ouvir as súplicas, gritou:

— Cuidado com a insanidade. Se ele mandar muito fogo é bem provável que nos destrua também. Mas não desistam, talvez ele já esteja velho e ouve mal, por isso não está lhes atendendo.

Com sua ironia, das crianças aos velhos, todos da tribo riram-se deles. Quando todos já estavam cansados e aflitos, pois nem uma faísca desceu, então Akin tomou sua vez. Ergueu mais um altar e derramou sangue sobre ele, proporcionando libações agradáveis. Feito isso, exclamou:

— Xangô¹¹, ouça-nos! Iansã, atenda-nos! Estes homens querem nos devorar. Querem nos matar e sacrificar. Querem nos escravizar. Mostrem a eles que nossa religião não é brincadeira e que tu nos defendes com raios fortes e fogo devorador. Lance, agora, o teu raio. Consuma tudo isso com o teu fogo.

Ao terminar o seu pedido, o fogo do céu desceu. Todo o altar foi consumido e até um branco da companhia fulminado tombou. Visto isso, temor e tremor tomaram os

¹¹ Orixá da justiça, do fogo e das pedreiras.

brancos e até os negros, pois a religião dos negros não é brincadeira. Embora os brancos estivessem com interesses malignos, o fato fez com que eles se recolhessem e com medo se acanharam. Dessa forma, Akin discursou:

— Povo meu, esses homens queriam nos destruir. Como outrora Yooku disse, eles realmente desejavam devorar nossas almas, levar-nos à morte e incendiar nossa tribo. Os orixás não permitirão, pois, o divino, criado a imagem dos homens brancos, é escravista. Mas os orixás, criados a imagem do homem negro, destila amor e cuidado para com seu povo. Nosso povo prevalecerá!

Ao externar seu sentimento, toda a comunidade eufórica ficou. E os brancos com medo ficaram, ao passo que para longe se foram, em busca de outras almas para devorar.